

Antonio Cândido: intérprete do Brasil

Marcio Malta¹

RESUMO

O objetivo da presente proposta é investigar a contribuição do pensador Antonio Cândido como um intérprete do Brasil. Geralmente associado tão somente ao campo da crítica literária, Cândido tem profícua produção na área do pensamento social brasileiro. Sua trajetória o habilita como um autor engajado e com um projeto de nação para o Brasil. As credenciais do autor são inúmeras, porém será dado destaque à sua produção no campo das ciências sociais, tais como, por exemplo, seu texto intitulado "Radicalismos"; o já clássico prefácio para o livro "Raízes do Brasil" de Sérgio Buarque de Holanda e sua tese de doutoramento "Parceiros do Rio Bonito". A pesquisa irá conjugar fontes primárias com referenciais bibliográficos sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Antonio Cândido; Radicalismos; Raízes do Brasil; Intérprete do Brasil.

ABSTRACT

The objective of the present proposal is to investigate the contribution of the thinker Antonio Cândido as an interpreter of Brazil. Generally associated only with the field of literary criticism, Cândido has prolific production in the area of Brazilian social thought. His trajectory credits him as an engaged author and with a project of nation for Brazil. The credentials of the author are numerous, but his work in the field of social sciences will be highlighted, such as, for example, his text entitled "Radicalismos"; the classic preface to the book "Raízes do Brasil" by Sérgio Buarque de Holanda and his doctoral thesis "Parceiros do Rio Bonito". The research will combine primary sources with bibliographical references on the subject in question.

Keywords: Antonio Cândido; Radicalisms; Roots of Brazil; Interpreter of Brazil.

¹ Doutor em Ciência Política (PPGCP/UFF), Professor Adjunto de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense. E-mail: malta.marcio@gmail.com.

1 Introdução

No prefácio de Raízes do Brasil, Antonio Cândido redige na primeira frase que “a certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado”. A proposta em tela visa utilizar o mote do falecimento do autor em maio de 2017 e as comemorações pelo seu centenário em julho de 2018 para o levantamento da contribuição do autor no campo do pensamento político brasileiro. Apresentado muitas das vezes como tão somente um crítico literário, é *mister* compreender o papel do professor como um profícuo analista das estruturas que constituem o Brasil.

Antonio Cândido de Mello e Souza nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 24 de julho de 1918. Fixou residência na cidade de São Paulo em 1937, ano em que o Estado Novo de Getúlio Vargas foi lançado. Na cidade natal iniciou as graduações de direito e Ciências Sociais, tendo abandonado a primeira e optado pela segunda. Por formação acadêmica detinha o título de cientista social, pela Universidade de São Paulo. Porém, a partir da contribuição regular em periódicos de São Paulo, em especial, em suplementos literários – com destaque para a atuação como crítico na revista “Clima” – conduziu boa parte de suas reflexões ao campo da literatura brasileira. Esta vertente lhe granjeou um grande reconhecimento público.

Além da produção acadêmica e da crítica literária foi professor de sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Em 1958 Cândido se desligou do departamento de Sociologia, após ter lecionado ali por 16 anos. Esperou a defesa da tese de doutorado, depois transformada no livro “Parceiros do Rio Bonito”, pois compreendia que era necessária uma prestação de

contas, uma espécie de herança que deixava para esse campo que tanto o proporcionou.

Migrou de área ao optar para lecionar na recém-inaugurada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis do então Instituto Isolado de Ensino Superior do Governo de São Paulo (hoje componente da Unesp) no interior do estado. Ficou lá pelo período de dois anos, tendo posteriormente regressado à USP para a cadeira de teoria literária e literatura comparada, onde se aposentou em 1978.

A militância política também foi uma tônica em sua trajetória. Teve atuação no Partido Socialista Brasileiro, tendo chegado a se candidatar a deputado estadual sem ter sido eleito. Militou ainda no Grupo Radical de Ação Popular, que editava o jornal clandestino “Resistência”, de oposição a Getúlio Vargas. Já na década de 1980 foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, tendo sido um dos responsáveis por impulsionar a candidatura de Florestan Fernandes, não somente como um dos idealizadores, mas também financiador.

A metodologia adotada no trabalho diz respeito ao levantamento da produção bibliográfica de Antonio Cândido, não se atendo tão somente ao objeto central do texto, que é o debate acerca dos radicalismos, mas também abrange o contexto histórico, político e social em que o pensador produziu sua obra.

A proposta do presente trabalho é mapear dois textos curtos de Cândido que são essenciais para a compreensão dos esforços aqui envolvidos, que se configuram como o resgate do papel do professor como um intérprete do Brasil. Para tanto serão levantados e analisados de maneira pormenorizada “Radicalismos” e o seu prefácio de Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda.

Isso não significa que os seus livros que versam sobre literatura estejam sendo secundarizados, ou mesmo descartados. Nem mesmo que

a literatura seja encarada como um aspecto estanque ou mero documento, mas sim uma opção metodológica em termos de recorte e a busca por lançar luzes sobre uma vertente sua que muitas das vezes é obliterada. O mesmo vale para em relação à sua obra máxima no que diz respeito à sociologia, o livro “Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”. A obra é um ponto alto da carreira do pensador, sendo inclusive dotado de alta dose de lirismo e sensibilidade ao retratar o modo de vida do caipira. Porém não será esmiuçada por ora devido ao fato de se constituir um momento inicial da carreira de Cândido e devido ao fato da mesma já ter sido debatida à exaustão com o devido mérito que lhe resguarda por Luiz Carlos Jackson em seu livro “A tradição esquecida”.

Os objetivos em tela com a confecção deste artigo residem em como afirmado anteriormente resgatar a produção de Antônio Cândido no campo do pensamento político brasileiro, estabelecendo um balanço crítico de suas ideias e propugnando a atualidade do autor para desvendar um *ethos* perene e constante que ainda marca a brasiliade, em especial está o objetivo de percorrer seu trabalho sobre os radicalismos presentes em pensadores brasileiros.

Ainda dentre os objetivos a serem alcançados está uma atualização da reflexão ensejada pelo autor, a utilizando como chave de análise do Brasil no século XXI. Demonstrando assim que as ferramentas ali utilizadas ainda servem como uma arma quente para explicar o funcionamento, o *modus operandi* do modelo político e social do Brasil.

Está em jogo demonstrar duas facetas fundamentais, contraditórias, mas não excludentes, a saber, os motivos de Antônio Cândido não figurar em muitas das coletâneas que ensejam um conjunto de autores que versam sobre o pensamento social brasileiro; assim como compreender a sua aparição, registro e devido reconhecimento nesta

categoria em trabalhos de vulto como o elaborado por Gildo Marçal Brandão, intitulado “Linhagens do Pensamento Político Brasileiro”.

A ideia central é debater a fortuna crítica do autor, contemplando a sua trajetória, especificidades e contribuições para o campo do pensamento social e político brasileiro. Ou seja, serão feitos esforços de mapear a produção bibliográfica do e sobre o pensador. Assim, além de cotejar as obras por ele publicadas também se debruçara sobre o conteúdo produzido sobre Antonio Cândido.

O objetivo principal desta contribuição é enxergar a trajetória de Antonio Cândido como um processo e não como fases. Longe de almejar e reproduzir uma concepção etapista, através de galhos esparsos ou caixas, onde se coloca literatura, sociologia, ou antropologia, é adentrar em tal obra com o espírito rizomático, onde absolutamente tudo contribui para o resultado final. Um ideário orgânico e total. Ou seja, não existiriam momentos estanques, separados, mas sim um uno.

O texto “Radicalismos”, que será abordado em seguida, é produzido em um momento tardio, assim como o prefácio de “Raízes do Brasil”, onde por esquemas simplórios o autor seria tão somente designado com a pecha de crítico literário quando na verdade toda a sua sólida formação de cientista social se encontra ali imbricada.

Para dar lastro a tal argumento, nada melhor que a passagem proferida por Deleuze e Guattari no primeiro volume do esforço maior de ambos, que constitui a contribuição “Mil Platôs”:

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para a outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p.37).

Iremos traçar não fases, mas sim uma perpendicular ao longo de sua vida, tal qual uma terceira margem do rio, *a la Guimarães Rosa*, na tentativa de compreender a síntese do legado de Antonio Cândido, que não foi somente sociólogo, ou crítico literário, mas sim um intérprete e artífice de uma ideia de Brasil.

2 Entre raízes

A metáfora da raiz está presente nas duas seções em seguida. Aparece tanto na etimologia do termo radicalismos, como no título da obra “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda que Antonio Cândido prefacia. Ir na raiz significa desvelar aquilo que está oculto. Portanto iremos analisar em uma primeira acepção o radicalismo expresso na acepção política francesa, como será explicado por Cândido. Em um segundo momento serão observadas as raízes do Brasil, a partir da enunciação do original latino *radix*, ou seja, aquilo que remete às origens.

2.1 Radicalismos

Adentrando o tema central da proposta aqui feita, podemos afirmar que radical é o que vem da raiz. Essa não é a definição adotada por Cândido, mas em via de regra serve para compreender a questão proposta no texto “Radicalismos”, publicado na revista “Estudos Avançados”, em solo paulista no mês de abril de 1990.

Na verdade o ensaio teve origem em uma palestra proferida em outubro de 1982 no Instituto de Relações Latino-americanas (IRLA) da Universidade Pontifícia de São Paulo (PUC/SP), tal como apontado nas notas do texto. O hiato de oito anos entre a realização da conferência e a

publicação do texto demonstra uma certa atemporalidade das questões ali levantadas. Argumento esse que é reforçado na construção do presente trabalho. Ou seja, transcorridas mais de três décadas, as questões suscitadas continuam infelizmente atuais, tal como o conservadorismo como cerne da sociedade brasileira.

No Brasil existiria segundo Cândido uma oposição entre ideias radicais e o pensamento conservador. Ainda segundo o autor um dos traços fundamentais presentes na mentalidade e no pensamento conservador no Brasil seria justamente a persistência e a manutenção das ideias conservadoras. “Uma barreira quase intransponível” (CANDIDO, 1990, p. 4) em suas palavras.

Por outro lado existiria a vertente do radicalismo, definido como um “conjunto de ideias e atitudes que formam contrapeso ao movimento conservador” (CANDIDO, 1990, p. 4). Em tal campo estariam alguns autores isolados que se negariam a integrar sistemas, possuindo um modo progressista de reação diante dos problemas sociais.

Faz-se necessário compreender que a radicalidade exposta em setores esclarecidos das classes dominantes não teria um componente revolucionário. Caracterizado como um fermento transformador não representaria de fato os trabalhadores reais.

Nos dizeres do autor:

Dei o nome de radical pensando, sobretudo, na acepção francesa da palavra. Na França, os radicais, chamados radicais socialistas, eram os republicanos de esquerda. Era o pessoal que estava perto do socialismo, mas não era socialista e estava contra a direita. Havia um partido radical socialista muito importante na França, quando eu era moço. O que é o radical? É o pensador progressista que quer sinceramente a transformação da sociedade, que é contra os conservadores, que é violentamente contra os reacionários, mas não chega até a revolução. Através de Manoel Bonfim comecei a ver isso em Sérgio Buarque de Holanda, em Joaquim Nabuco e mesmo nos conservadores, como Gilberto Freyre. Percebi que havia no Brasil um veio radical que seria interessante

explorar, para poder tentar aquilo que foi sempre a aspiração da minha geração: um pensamento socialista brasileiro que não fosse tributário das normas impostas pela URSS. Observei que o marxismo foi fecundo na América Latina onde houve pensamento radical. Onde não havia, não foi adiante: é o caso do Brasil. Desenvolvi essa ideia também como contribuição para um aproveitamento adequado do marxismo. À medida que o marxismo encontrasse uma linha radical local, ele poderia perder a sua generalidade de doutrina “pau-pra-toda-obra” e se aplicar às condições concretas de cada lugar, como aconteceu em Cuba, no México, no Peru, no Uruguai, no Chile e como nunca aconteceu no Brasil. Mas recentemente a coisa mudou. Depois de Caio Prado Jr. Veio, por exemplo, Florestan Fernandes, que fez, a meu ver, uma notável extensão do pensamento marxista (JACKSON, 2002, p. 131).

Tal conjunto de autores teria como síntese a preconização de soluções para a nação como um todo. Aí cumpre observar que, mesmo não sendo tal fator apontado por Cândido, talvez seja exatamente esse o viés que os aproximam dos primórdios da sociologia, que em sua vertente original se caracteriza justamente por ser prescritiva e normativa.

O radical se destacaria por um espírito de revolta, sendo que contemporizaria em momentos de rupturas definitivas. Tal viés, também não denominado por Cândido, poderia ser classificado como o peso da conciliação na política brasileira, tal como preconizaram tão bem nomes do quilate de Florestan Fernandes e José Honório Rodrigues. Com toda a sutileza que lhe é característica, Cândido assume o tom cordato e os enfeixa como “um agente do possível mais avançado” (CANDIDO, 1990, p. 5).

Oportuno sublinhar que em alguns momentos Antonio Cândido sobe um tom e faz determinadas críticas a tal postura recuada, como no caso de Manoel Bomfim onde é apontada uma decepção por não ver ali advogada uma saída revolucionária, mas sim pelo campo da educação. O que consistiria em certa medida uma injustiça e parcialmente uma contradição, afinal o próprio Cândido em alguns de seus escritos e

posturas públicas também é um real defensor do caminho da educação para a obtenção da justiça social, assim como o próprio nunca postulou saídas revolucionárias, sendo geralmente adepto e signatário de movimentos sociais e partidos que se restringiam ao terreno das defesas democráticas.

Interessante destacar que no vocabulário adotado por Cândido se faz muito presente as noções de mentalidade, ideias, pensamento e palavras correlatas, demonstrando o peso da ideologia em sua produção. Tal conjunto de noções também se encontra presente em seu prefácio de *Raízes do Brasil*, como será visto no item em seguida.

Voltando à temática da sua formulação da noção de radicalismo, Cândido assevera que:

Aos poucos fui observando o seguinte: o pensamento conservador brasileiro apresentava frequentemente facetas radicais. Um conservador como Gilberto Freyre, por exemplo, de repente exercia um papel radical acentuado na medida que chamava atenção para o negro. Esta é uma atitude radical. Comecei a perceber que no Brasil havia mais radicalismo do que se supunha, mas não radicalismo academicamente definido como tal. Não havia marxistas, não havia pensadores revolucionários, mas havia um veio radical. Comecei a ler certos autores brasileiros do passado com este olho. Li sobretudo Joaquim Nabuco e Silvio Romero, até que cai num livro que meu pai gostava muito, leu e anotou quando era moço: "América Latina", de Manoel Bonfim. A primeira vez que li não dei a importância devida, mas mais tarde voltei a ele e vi que ali estava um tipo de pensamento que não se desenvolveu no Brasil e que, não sendo um pensamento de esquerda propriamente dito, era certamente um pensamento contra a direita (CANDIDO, 1990, p. 131).

O conjunto de questões expressas por Cândido encontra eco em outro autor que também se preocupou com o tema do engajamento do intelectual, o também crítico literário Edward Said. Antônio Cândido criou o conceito de "ciência social interessada", Edward Said em tema correlato critica uma suposta objetividade desinteressada, onde:

A política está em toda parte, não pode haver escape para os reinos da arte e do pensamento puros, nem, nessa mesma linha, para o reino da objetividade desinteressada ou da teoria transcendental (SAID, 2017, p. 34).

Ou ainda, a definição de intelectual expressa também por Said da seguinte maneira: “(...) alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico” (SAID, 2017, p. 35).

Candido atesta que escolheu o caipira como tema de pesquisa para poder discorrer sobre os aspectos da fome. Desta forma o mesmo escolheu um lado da sociedade para narrar, optando pelos desvalidos. Nesse momento dá para perceber a questão colocada também por Edward Said: “O intelectual tem sempre a escolha de situar-se do lado dos mais fracos, dos menos bem representados, dos esquecidos ou ignorados, ou então do lado dos mais poderosos” (SAID, 2017, p. 44).

Candido não estava sozinho nesse movimento, pois cita em entrevista ao pesquisador Luiz Carlos Jackson a mesma opção por parte de seus colegas de geração:

A realidade imediata do Brasil contemporâneo foi estudada pela Escola de Sociologia e pela Faculdade em suas camadas humildes. Samuel Lowrie fez a pesquisa sobre o lixeiro; Gioconda Mussolini estudou os caiçaras; eu estudei o parceiro rural; Egon Schaden, o índio destribalizado; Florestan, o negro. Por assim dizer, nós radicalizamos a sociologia brasileira (JACKSON, 2002, p. 160).

A noção de “amadorismo” defendida por Said se aproxima e muito dos radicalismos expressos por Candido:

O intelectual hoje deve ser um amador, alguém que, ao considerar-se um membro pensante e preocupado de uma sociedade, se empenha em levantar questões morais no âmago de qualquer atividade, por mais técnica e profissionalizada que seja. Essa atividade empenhada envolve seu país, o poder e o modo de interagir com seus cidadãos,

bem como com outras sociedades. Além disso, o espírito do intelectual como um amador pode transformar a rotina meramente profissional da maioria das pessoas em algo muito mais intenso e radical (SAID, 2017, p. 86).

É importante salientar que não se busca incensar, glorificar, ou canonizar o pensador, mas sim suscitar o debate acerca das suas proposições originais. Lacunas e sobressaltos residem em texto “Radicalismos”, tal como um erro que poderia passar despercebido e seria ínfimo, como ao redigir o nome de Oliveira Vianna apenas como um n, que poderia ser apenas um erro de revisão, mas que no entendimento aqui expresso assinala a bem da verdade certo desconhecimento do autor fluminense. Guardadas as devidas proporções seria grafar o nome de Gilberto Freyre com i, erro bastante comum naqueles que não estão tão íntimos do legado do sociólogo. Sendo que para além da questão menor das letras expostas, Antonio Cândido talvez cometa um equívoco ao generalizar Vianna tão somente como um pensador de corte conservador. Esta seria apenas uma das facetas – preponderante, mas não exclusiva – do mesmo.

A questão do radical é uma constante em sua trajetória. Existe uma miríade de tipos de radicais na vasta obra de Cândido. Algumas chegam a ter uma dose de humor, como a classificação dos “radicais de ocasião”, que o autor constrói em oposição à de revolucionários profissionais, onde:

Mas é também interessante o tipo oposto, do homem sem qualquer compromisso com a revolução, que frequentemente até é contra ela, e no entanto, nalgum período, ou apenas nalgum instante da vida, fez alguma coisa por ela: uma palavra, um ato, um artigo, uma contribuição, uma assinatura (CANDIDO, 1978, p. 193).

Em janeiro de 1950 Antonio Cândido já esboçava o perfil dos revolucionários. Demonstrando assim que o tema já estava no âmbito de

susas preocupações. A revelação se deu por ocasião de seu centenário, em 2018, com a inauguração de uma exposição no instituto Itaú Cultural, em São Paulo a partir do acervo por ele doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP).

O material inédito faz parte de um dos cadernos onde o intelectual tinha por hábito tecer suas anotações. A definição de revolucionário ali expressa traz no bojo a noção de radicalismo, ainda um tanto quanto diferente das versões posteriores já debatida acima. Ali, o perfil do revolucionário ainda não se faz em oposição ao de radicalismo, como um binômio. A figura é assim definida: “Do homem que toma por norma a transformação radical da sociedade, em função dum tipo de vida previsto como mais completo e mais humano” (CANDIDO, 2018b, p. 1).

O requisito para ser apresentado como revolucionário seria ainda o abandono de outras atividades, pois a nova forma de conduta absorveria integralmente a sua personalidade. O quadro histórico do surgimento do revolucionário seria uma “formação psicossocial moderna”, haja vista que rebelados existiram em quase todas as culturas.

O estudo se baliza em aspectos metodológicos weberianos ao se amparar na construção de tipos ideais, sendo o revolucionário nesse quadro tipificado como um “tipo central do novo tempo” (CANDIDO, 2018b, p. 8). Existindo ainda uma subdivisão de características, a saber, a dominação carismática ou a racional. Sendo o romantismo o exemplo do primeiro e o leninismo do segundo.

Ainda existe nas anotações certo eco de Émile Durkheim, quando são apontadas no ajustamento dos indivíduos a existência de coerções. Tal leque de influências metodológicas sociológicas, como Weber e Durkheim, são típicas dos egressos das primeiras gerações da

USP, tendo como exemplo máximo de tal formação comum a contribuição sociológica de Florestan Fernandes.

Ao ser questionado em entrevista se consideraria a si próprio como um pensador radical, afirmou com a sua habitual humildade:

Acho que sou um radical, mas não um pensador. Não há nada do que escrevi que permita me qualificar assim. Pensador é aquele que é capaz de abstrair, e eu sou empírico, sou alguém que descreve, narra e interpreta (JACKSON, 2002, p. 130).

A afirmação sustenta e baliza a hipótese aqui levantada de Cândido como um intérprete, aquele que busca um sentido ao tentar revelar algo oculto, dando voz a determinado objeto ou questão. Um movimento de explicar os significados, no caso em questão, o nosso país e suas manifestações.

A atualidade das questões colocadas é premente, pois quando o autor aponta, por exemplo, o pensamento e a prática conservadora como um “maciço central da nossa tradição política” (CANDIDO, 1990, p. 6) infelizmente descreve uma vertente de nossa cultura política ainda bastante arraigada. Por último, no contexto em que o Brasil atravessa de reacionarismo crescente faz-se necessária a defesa do radicalismo, definido por Cândido como um “o conjunto de ideias e atitudes formando contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou” (CANDIDO, 1990, p. 1). A vida de Cândido foi estabelecer esse contrapeso, sem perder a ternura jamais, como ensinou o comandante Che Guevara.

2.2 Desvendando as Raízes do Brasil

Como visto anteriormente a noção de mentalidade acompanhou Cândido por largo tempo. Em sua outra curta grande produção balizada

que é o prefácio de “Raízes do Brasil” a concepção também aparece com fôlego. Tal como quando ele fala em livros que “exprimem a mentalidade”.

No texto clássico de 1967, que passou a acompanhar as publicações de “Raízes do Brasil” a partir de sua quinta edição, em 1969, também já se encontra presente o conceito de radicalismo. Mesmo que de forma tímida ali se localiza a expressão “radicalismo intelectual” (CANDIDO, 2014, p. 10).

Cumpre também ressaltar que é nesse texto em debate que está a discussão acerca do conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda, que trouxe tanto debate e mal entendidos e é clarificado como a água por Antonio Cândido na seguinte frase sintética:

O ‘homem cordial’ não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras nem profundas, que se opõem aos ritualismos da polidez (CANDIDO, 2014, p. 19).

No cinquentenário da obra, Antonio Cândido elaborou um *Postscriptum* que também passou a acompanhar as edições subsequentes. Nele novamente aparece a categoria do radicalismo, que é abordada como um “radicalismo potencial das classes médias”. No texto de 1986, Sérgio Buarque de Holanda é apresentado como um “coerente radical democrático” que deteria um timbre que o diferenciaria, que seria a sua inclinação decidida para o povo.

Acerca de seu famoso prefácio para o livro “Raízes do Brasil”, Cândido faz uma leitura da sociedade a partir do princípio histórico:

Eu digo que o nosso conhecimento do Brasil se deu, sobretudo, em termos de passado, não de presente, e através de três obras fundamentais que foram aparecendo durante a nossa formação: *Casa-grande e Senzala*, quando estávamos no ginásio, *Raízes do Brasil*, quando estávamos no curso

complementar e Formação do Brasil Contemporâneo, quando estávamos na Faculdade (JACKSON, 2002, p. 144).

O que é interessante notar é que em boa medida os três livros citados se tornaram fundamentais em qualquer explicação de Brasil ou no momento de se estruturar uma lista de livros essenciais para um curso sobre o pensamento social, justamente pela forma com que Cândido aludiu às obras em seu texto.

A leitura do prefácio revela um olhar bastante complacente para com a obra de Gilberto Freyre. Em diversas entrevistas Cândido aponta como *Casa Grande e Senzala* foi importante para sua geração e que mesmo o autor tendo posições conservadoras em alguns aspectos, em outros representava um liberalismo nos costumes e uma mirada progressista para os anos 30. De fato o livro em questão é balizador para os jovens de então, tendo influenciado inclusive o próprio Sérgio Buarque de Holanda ao redigir *Raízes do Brasil*. Porém, negligenciar o cunho legitimador da colonização e aspectos racistas para com os escravos é tapar o sol com a peneira. Afinal, mesmo em entrevistas tardias Cândido permaneceu como advogado do legado freyreano sem muitas das vezes denunciar tais aspectos enunciados.

Não há de se negar a vitalidade e a importância do clássico já de nascimento “*Casa Grande e Senzala*” e o seu estilo ensaísta e poético, porém, ao agir assim é como se Cândido confirmasse através de sua prática a própria hipótese acerca dos radicalismos, onde intelectuais progressistas em muitos momentos acabam recuando e optando pelo consenso em momentos que se requerem uma ruptura, mesmo que epistemológica nesse caso.

Retomando o debate acerca da contribuição de Sergio Buarque vista sob a ótica de Antonio Cândido, para além do prefácio em si, o historiador será apresentado sob o enfoque de radical em pelo menos

outras três produções. No já aludido *post-scriptum* ao prefácio Cândido vai chamar atenção para um “(...) radicalismo potencial das classes médias, que no caso de Sérgio adquire um timbre diferenciador, ao voltar-se decididamente para o povo” (CANDIDO, 2014, p. 26).

Essa opção de Sérgio Buarque ao popular, aos desvalidos ou despossuídos nos dizeres de Cândido, também foi registrada no texto “A visão política de Sérgio Buarque de Holanda”, onde como em um moto contínuo a concepção de radical está mais uma vez presente: “Ora, Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro historiador que aludi à necessidade de despertar a iniciativa das massas manifestando assim um radicalismo democrático raro naquela altura fora dos agrupamentos de esquerda” (CANDIDO, 1998, p. 2).

A concepção de radical é a mesma expressa no texto “Radicalismos”, onde na verdade o conceito expressa uma atitude que não significa ruptura, pelo contrário, pois a posição política aludida seria justamente a de que Sérgio Buarque de Holanda se localizaria entre o fascismo e o comunismo, optando pelo que Cândido designou como “radicalismo democrático”.

Em 1982 em texto intitulado “Sérgio em Berlim e depois” Cândido constrói a mesma associação de Buarque ao radicalismo: “era o único ‘retrato do Brasil’ que terminava de maneira premeditada por uma posição política radical em face do presente” (CANDIDO, 1982, p. 8).

O que a todo o momento Cândido ressaltava acerca da importância do livro “Raízes do Brasil” era que em seu último capítulo propugnava a emancipação do povo, não possuindo uma preocupação tão somente histórica. Mesma consideração que pode ser feita com os estudos de Cândido, que não tinham uma mirada apenas para o passado, mas possuíam em si uma preocupação perene por compreender o Brasil para transformá-lo.

3 Antonio Cândido pensador do Brasil

Nesta última seção serão elencadas algumas questões que podem ser interpretadas como principais responsáveis para a não compreensão de Antonio Cândido como um intérprete do Brasil, mas mormente um crítico literário.

O objetivo é evitar uma leitura da carreira de Antonio Cândido de um ponto de vista etapista, onde a análise da literatura e a sociologia são coisas estanques. Afinal os dois textos debatidos ao longo do trabalho são justamente de uma fase de sua vida onde segundo muitos de seus analistas o autor já não teria mais nada que ver com a sociologia. Ao redigir o prefácio de Raízes do Brasil e “Radicalismos”, de acordo com a observação corrente, Antonio Cândido seria pura e simplesmente um escritor voltado para os problemas literários.

Desperta a atenção, por exemplo, a justificativa para a escolha do tema de sua tese de doutorado, afinal antes de estudar o sistema rural da parceria o objetivo era estudar o cururu, atividade folclórica e religiosa caipira. A motivação soa ingênuo e quiça romântica, mas reflete bem o espírito e a verve de Antonio Cândido ao já mesclar a literatura e a sociologia: “Aí me interessei pelo cururu e resolvi fazer a tese sobre ele, pois era um modo de misturar sociologia e poesia” (JACKSON, 2002, p. 134).

A concepção de etapas díspares e estanques é reproduzida, por exemplo, por Décio Almeida Prado ao conceber que na suposta primeira fase a literatura até estaria enfrontada na sociologia, mas o reverso não estaria contemplado, como se enxerga na frase seguinte em entrevista: “A carreira dele tem, portanto, duas épocas: a da sociologia, misturada

um pouco com a literatura; e a época da literatura" (JACKSON, 2002, p. 189).

Mais grave ainda seria a visão distorcida da antropóloga Mariza Peirano, que se vale de termos como frustração na sociologia, não compreendendo assim as interpenetrações de momentos distintos da carreira do autor. Um todo é preterido em uma visão desconjuntada: "Sociólogo frustrado, antropólogo que se camuflou, crítico literário realizado" (PEIRANO, 1992, p. 25).

O que Peirano não compreendeu é que era o espírito de toda uma geração que se digladiava com o caminho estreito da especialização, almejando outros ares. Cândido menciona que muitos de seus colegas e até mesmo sua companheira Gilda de Mello e Souza abandonou a área de ciências sociais para se dedicar a interesses mais amplos como a pintura e a moda. Caminho também seguido por alguns de seus orientandos como Roberto Schwarz, que seguiu os passos do mestre, tendo depois de sua formatura em ciências sociais migrado para a crítica literária, também sem abandonar a perspectiva inicial.

A motivação para a escolha original e precoce pelas ciências sociais seria principalmente o contexto histórico de ascensão de fascismos vivenciado até então. Passado esse momento, a opção já não era mais tão sedutora e já havia cumprido a sua função. O amigo e colega Décio Almeida Prado comenta com exatidão esse momento:

A interpretação foi feita a *posteriori*, mas é válida. Éramos apaixonados por literatura. O normal seria estudar Letras. A influência comunista era muito forte no decênio de trinta e a intelectualidade optou entre fascismo e comunismo. O choque parecia inevitável e aconteceu durante a segunda guerra. Em geral, os intelectuais tenderam para a esquerda, como aconteceu conosco. Nesse contexto, a filosofia e a sociologia eram mais atuantes do que as 'belas artes' (JACKSON, 2002, p. 28).

O que não significa que deixar de lecionar em uma cadeira de sociologia irá fazer com que todo um *ethos*, ou um *habitus* nos dizeres de Pierre Bourdieu, um método assimilado por décadas como um *savoir faire*, será abandonado.

Em mais um de seus cadernos de estudo inéditos até agora e divulgados em exposição por ocasião de seu centenário, Cândido registra a recusa em separar sociologia e literatura. No caderno “O grupo social e sua manifestação no plano literário”, o professor é taxativo: “(...) recusa de optar entre sociologia e literatura pelo sentimento de quanto se completam. Recusa de optar entre sensibilidade e investigação” (CANDIDO, 2018a, p. 67).

Luiz Carlos Jackson aponta a existência de uma “relação íntima entre crítica e sociologia na produção intelectual de Antonio Cândido” (JACKSON, 2002, p. 13). O que o autor aponta não como uma discrepância, mas sim a revelação de “uma unidade interna à diversidade de sua produção que a vinculam a problemas típicos de uma tradição específica do pensamento brasileiro” (JACKSON, 2002, p. 14).

No prefácio da terceira edição de um dos seus livros mais reconhecidos, “Literatura e Sociedade”, Antonio Cândido coloca um ponto final na questão, rompendo com o que ele designa como um paralelismo. Reivindicando uma concepção semelhante aquela expressa na introdução do presente trabalho, a noção de transversalidade em Deleuze e Guattari. Fica expresso o entendimento de uma interpenetração entre os estudos literários e a sociedade.

Os estudos deste livro (cuja primeira edição é de 1965) procuram focalizar vários níveis da correlação entre literatura e sociedade, evitando o ponto de vista mais usual, que se pode qualificar de paralelístico, pois consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração (CANDIDO, 2000, p. 1).

O fato de esta passagem estar localizada no primeiro parágrafo do referido prefácio é um sintoma da importância que Cândido conferia a esse debate, sobre o erro de conduzir literatura e sociedade como coisas paralelas, ou mesmo os estudos sobre os dois temas. A presente contribuição se encerra aqui, mas com o desejo que muitas outras páginas sejam escritas sobre esse autor fundamental na interpretação do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Paulo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (orgs.). **Dentro do texto, dentro da vida**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, 25-01-1998.
- _____. A sociologia no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 1.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. O grupo social e sua manifestação no plano literário. In: **Ocupação Antonio Cândido**. São Paulo: Itau Cultural, 2018a.
- _____. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. O significado de raízes do Brasil. Prefácio. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- _____. *Post-scriptum* In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. Radicais de ocasião. **Revista Discurso**, São Paulo, 1978, n. 9.
- _____. Radicalismos. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 4, n. 8, abr.-jun., 1990, p. 4-18.
- _____. Revolucionário. **Itau Cultural**, São Paulo, 2018b. Disponível em: <https://issuu.com/itaucultural/docs/ocupacao_antoniocandido_revoluciona> Acesso em: 29 maio 2018.
- _____. Sérgio em Berlim e depois. **Novos estudos Cebrap**, v. 1 (3). Julho de 1982.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **1995-1997. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34,2009.
- JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Cândido**. Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MICELI, Sergio. História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo, Vértice/Idesp/Finep, vol. 1.
- _____. (org.). História das Ciências Sociais no Brasil. **Sumaré/Idesp/Fapesp**, São Paulo, v. 2, 1995.
- PEIRANO, Mariza. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1992.
- PLEKHANOV, Georg. **O papel do indivíduo na história**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política**. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- _____. **Martinha versus Lucrécia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.